

“Por uma Outra Globalização”: Introdução ao Pensamento de Milton Santos

“Toward another Globalization”: An Introduction to the Thought of Milton Santos

Julia Diniz de Oliveiraⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Rio Grande do Norte, Brasil

Silmara Lopes de Souzaⁱⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo: Este artigo objetiva apresentar, de forma breve, as contribuições do professor Milton Santos para a geografia, a partir da sua proposição de pensarmos esta ciência pelo seu objeto de estudo que é o espaço geográfico, enquanto sistema inseparável de objetos e ações. Buscou-se apresentar, sucintamente, as reflexões de Santos sobre o atual período histórico de globalização que necessita ser analisado sob um novo olhar geográfico. Utilizou-se como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica em algumas obras do autor e em outras fontes. O artigo está estruturado em três seções: a primeira traz algumas informações sobre a vida de Milton Santos e seus principais livros, a segunda discute as suas contribuições para a geografia e sua teoria do espaço geográfico e a terceira apresenta um pouco do pensamento de Santos acerca do atual período histórico.

Palavras-chave: Milton Santos; Epistemologia da Geografia; Globalização; Espaço Geográfico.

Abstract: The aim of this article is to briefly present the contribution of Milton Santos to geography as the study of space as an inseparable system of objects and actions. We focus on how he stressed the need for a new geographical outlook which could capture the current historical period of globalization. Methods consisted of bibliographic research of his publications as well as appreciations of his work in other sources. The article is structured in three sections: the first part treats Milton Santos' life and his main books,

ⁱ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande. juliadiniz.oliveira@hotmail.com

ⁱⁱ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia. Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas. silmara.ls@hotmail.com

the second part discusses his contributions to geography and his theory of space and the third presents his thought on the current historical period.

Keywords: Milton Santos; Epistemology of Geography; Globalization; Geographic Space.

Introdução

O professor Milton de Almeida Santos foi um dos maiores intelectuais brasileiros, com uma produção de mais de 40 livros e mais de 300 artigos científicos, além de premiações, inclusive internacionais. Trouxe contribuições inegáveis à construção epistemológica da geografia, propondo uma teoria do espaço geográfico, objeto de estudo da ciência geográfica e da ontologia do mesmo, discussões sobre a urbanização brasileira, a economia dos países de Terceiro Mundo e o processo de globalização.

Este ensaio objetiva apresentar alguns elementos da vida e obra de Milton Santos, suas contribuições inegáveis à geografia com as discussões sobre a natureza do espaço geográfico, além do entendimento do autor acerca do processo de globalização como “perversidade”, reflexões presentes de forma mais contundente em suas duas últimas obras, quais sejam: *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* e *Brasil: território e sociedade no início do século XXI* (esta em parceria com a Profª. Dra. Maria Laura Silveira).

O trabalho está dividido em três seções; a primeira apresenta aspectos da vida de Santos, sua formação acadêmica, sua experiência com a ditadura militar, cargos públicos ocupados, além das suas principais obras que são referências mais que atuais para a geografia brasileira, em virtude da base intelectual do autor, à frente do seu tempo, e também sua militância frente às ideologias impostas à ciência.

A segunda parte apresenta alguns elementos sobre a teoria do espaço geográfico como objeto de estudo da geografia. Suas reflexões possibilitam considerar o espaço como condição para a realização da história, entendendo-o como uma totalidade, consequência da ação humana, através dos objetos, sejam eles artificiais ou naturais, portanto, uma associação inseparável na qual participam tanto os objetos quanto as ações (SANTOS, 1997).

A terceira e última parte apresenta elementos discursivos acerca da contribuição de Milton Santos para o entendimento do período atual de globalização, compreendido à luz da geografia por meio de duas variáveis centrais, segundo o autor: o estado das técnicas e o estado da política, ambas inseparáveis e que ajudam na compreensão desse período, que segundo ele se apresenta como uma fábrica de perversidades, pois ao passo que o mercado dito global se amplia, a pobreza e as desigualdades regionais são aprofundadas.

Milton Santos e a Proposição de uma “Geografia Nova”

Milton de Almeida Santos foi um cidadão atuante, pesquisador engajado e autor de reflexões que impactaram de forma significativa o modo de pensar e fazer geografia. Nasceu em 1926, no município de Brotas de Macaúbas-BA. Desde sua infância e ado-

lescência, dedicou-se com zelo aos estudos, aos oito anos aprendeu francês e foi aluno do Instituto Baiano de Ensino.

O pensamento crítico sobre o contexto social no qual estava inserido sempre foi uma marca de sua personalidade, sua trajetória acadêmica iniciou-se na Universidade Federal da Bahia, onde concluiu o curso de Direito, em 1948. Durante sua formação destacou-se pela militância, que o levou a criar o Partido Estudantil Popular (PEP) e a Associação Brasileira de Estudantes Secundaristas (ABES). Nesse mesmo período, ministrava aulas de geografia humana. A sua afinidade com temas pertinentes à ciência geográfica o levou a dedicar-se à geografia, ingressando no curso de doutorado de uma das instituições mais renomadas da Europa, o Instituto de Geografia da Universidade de Estrasburgo, na França, com orientação do Professor Jean Tricart. Em 1958, torna-se doutor e a partir de então passa a exercer a docência em universidades (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Bahia, Universidade de São Paulo, Universidade Católica de Salvador etc.).

Sua formação acadêmica manteve fortes laços com a França, ele acompanha e participa de uma transição importante da chamada geografia ativa para a radical-crítica, que envolveu pesquisadores como Pierre Deffontaines, Pierre George e Yves Lacoste. Outros pesquisadores renomados como Henri Lefebvre, David Harvey, Edward Soja, Manuel Castells, Francesco Indovina, Paul Claval e Massimo Quaini, exerceram alguma influência no pensamento de Milton Santos (SAQUET; SILVA, 2008).

No período de 1959 a 1964, destaca-se no cenário acadêmico, político e jornalístico, desempenhando atividades como professor da Universidade da Bahia, onde criou o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais. No âmbito político, ocupa o cargo de subchefe da Casa Civil na Bahia, trabalhando com os temas de política econômica e planejamento regional e produzindo para imprensa. Em 1964, diante dos contornos sociais e políticos instaurados no cenário brasileiro, a ditadura militar, Milton Santos é preso e ao sair da prisão é exilado.

Durante seu período de exílio, entre 1964 e 1977, Milton Santos ganha o mundo e na sua bagagem leva a busca por abordagens e concepções que permitissem compreender as rápidas transformações econômicas, políticas e sociais vividas em diferentes lugares. A partir de seu contato com diversas realidades socioespaciais e variados posicionamentos intelectuais, consegue amadurecer e alicerçar suas ideias. Nesse período, atuou como professor em diferentes países, dentre eles, França, Estados Unidos, Canadá, Peru e Venezuela, além de países do continente africano.

Em 1977 retorna ao Brasil, mas somente em 1983 retoma as atividades acadêmicas, vinculando-se ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. A partir daí, sua carreira acadêmico-científica começou a crescer no Brasil, apesar de seu já consolidado reconhecimento internacional que o levou a ser convidado a prestar consultoria para a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Internacional do Trabalho (OIT), Organização dos Estados Americanos (OEA) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Como condecoração das suas contribuições, Milton Santos recebe, em 1994, o prêmio Vautrin Lud, uma espécie de Nobel da Geografia. Entre 1980 e 2000, recebeu vinte títulos de Dr. Honoris Causa de universidades do Brasil, da América Latina e da Europa.

A trajetória desse expoente da geografia brasileira possibilitou o desenvolvimento de uma concepção de geografia que consideramos híbrida. Segundo Grimm (2011), ao longo de mais de cinco décadas de estudos e pesquisa, os principais temas contemplados em suas obras podem ser organizados em “estudos urbanos e regionais na Bahia”, “especificidade da urbanização nos países subdesenvolvidos”, “epistemologia da geografia e ontologia do espaço geográfico” e “teorização sobre o território brasileiro no período da globalização”. Sempre escrevendo e lutando por suas ideias, como resultado desse esforço, foi autor de cerca de 40 obras e teve mais de 300 artigos publicados em revistas científicas.

Dentre os temas que ganharam destaque nas obras de Milton Santos, é possível apontar a sua insatisfação quanto aos caminhos epistemológicos trilhados pela geografia ao longo de sua formação enquanto ciência. Em seu livro *Por uma Geografia Nova*, assume um posicionamento crítico perante a Geografia Clássica, Teorética e Humanista e defende a necessidade de uma Geografia Crítica. Nas palavras de Elias (2002, p. 9), “Milton Santos insistia no fato de que a geografia crítica, para ser útil e utilizada, tem que ser analítica e não apenas discursiva”.

As críticas realizadas à Geografia Clássica, Teorética e Humanista podem ser contempladas quando ele analisa pontualmente cada uma dessas vertentes. Quanto à Geografia Clássica, que segundo Santos (2012, p. 29), “desde suas origens, responde a uma ideologia necessariamente orientada”, o caráter ideológico preocupado em legitimar a expansão dos países centrais capitalistas levou essa corrente de pensamento a justificar a conquista colonial e a consequente exploração de recursos da periferia pelo centro. Em suas palavras, esse modelo que utilizava uma geografia geral baseada em uma geografia chamada regional não apresentaria sucesso, pois,

Acabaria por ceder um lugar exagerado a falsas relações, desprovida de autonomia e força explicativa, como aquelas que tecem entre grupos humanos e os meios geográficos onde eles se inserem. Toda a procura de uma causalidade entre esses dois dados levará inevitavelmente a erros graves, justamente aquilo que se pode chamar de abstração empírica (SANTOS, 2012, p. 41).

Na tentativa de romper com esse modelo, apresenta-se a Geografia Teorética, que predominou nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Nessa corrente o espaço era compreendido como uma categoria *a priori* da razão e sua utilização permite captar a extensão no mundo empírico. Essa geografia nada mais era que a busca por cientifismo por meio da inserção da linguagem matemática e, segundo Santos, o grande problema era desconsiderar os processos e a ação humana. Assim, ele afirma que “não existe oposição real entre quantitativo e qualitativo. Alguns desejam fazer disto um assunto de discussão, mas a realidade dificilmente autorizaria esta disputa” (SANTOS, 2012, p. 73). Nas palavras de Silveira (2012, p. 208):

Tratava-se da procura por elaborar modelos, por descrever e quantificar regularidades e comprová-las, permitindo imaginar que a geografia finalmente se tornaria uma ciência. O espaço era menos uma porção diferenciada da crosta

terrestre, como tinha sido em toda a tradição francesa, e mais uma extensão homogênea e mensurável. Portanto, a disciplina era capaz de produzir definições operativas. A superposição das variáveis à escala regional, possível graças ao trabalho de campo, permitia a formulação de sínteses, prova irrefutável da singularidade das relações homem-meio numa porção do território. Essa foi uma sólida tradição que atravessou a história da disciplina.

Milton Santos (2012) tece críticas consistentes ao direcionamento adotado pela Geografia quantitativa, que em sua análise se caracterizou pela busca infundável da elaboração de modelos matemáticos, e como consequência verifica-se que seu domínio teórico estava pautado no método, além do mais um método discutível, o autor afirma que o maior pecado dessa corrente é que:

Ela desconhece totalmente a existência do tempo e suas qualidades essenciais. A aplicação corrente das matemáticas a geografia permite trabalhar com estágios sucessivos da evolução espacial mas é incapaz de dizer alguma coisa sobre o que se encontra entre um estágio e outro. Descrição jamais pode ser confundida com explicação (SANTOS, 2012, p. 75).

Quanto à Geografia da percepção, fundamentada no princípio da existência de uma escala espacial própria a cada indivíduo e também de um significado particular para cada homem, Santos adverte que essa corrente limitou-se a aprofundar a análise das percepções dos objetos geográficos, cobrindo-se na justificação de que estas são também dados objetivos. Contudo, essa corrente se esqueceu de levar em conta duas coisas:

De um lado, a percepção individual não é o conhecimento; de outra forma, a coisa não seria objetiva e a própria teoria da percepção seria incompleta, senão inútil. De outro, a simples apreensão da coisa, por seu aspecto ou sua estrutura externa, nos dá o objeto em si mesmo, o que ele apresenta mas não o que ele representa (SANTOS, 2012, p. 93).

Considerando os diferentes direcionamentos adotados pela geografia, muitas vezes desarticulados entre teoria e método, a disciplina necessitava de uma mudança para realinhar-se e poder exprimir, em termos de presente e não mais de passado, aquela parcela da realidade total que lhe cabe explicar. Centrado em princípios do materialismo histórico e dialético como método de interpretação, ao longo de quatro décadas de estudos e pesquisas, em um processo teórico-epistemológico marcado por idas e vindas, sucessivas escolhas que definiram continuidades e descontinuidades, rupturas e permanências, Santos alcança uma complexa sistematização teórica (GRIMM, 2011).

A construção teórica da epistemologia do espaço e da geografia acompanhados dos seus esforços de análise e de síntese, percorre dois caminhos, desde o campo das reflexões filosóficas sobre a natureza do espaço geográfico, até trabalhos de natureza empírica, quando buscava a reconstrução intelectual do mundo a partir de experiências específicas (ELIAS, 2002). O resultado desse esforço pode ser contemplado em sua vasta obra,

da qual destacam-se: *A cidade nos países subdesenvolvidos* (1965); *Por uma Geografia nova* (1978); *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo* (1978); *Pobreza urbana* (1978); *Economia espacial: críticas e alternativas* (1979); *Espaço e sociedade* (1979); *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos* (1979); *A urbanização desigual* (1980); *Manual de Geografia urbana* (1981); *Pensando o espaço do homem* (1982); *Ensaio sobre a urbanização latino-americana* (1982); *Espaço e Método* (1985); *O espaço do cidadão* (1987); *Metamorfoses do espaço habitado* (1988); *A urbanização brasileira* (1993); *Por uma economia política da cidade* (1994); *Técnica, espaço, tempo* (1994); *A natureza do espaço* (1996); e *Por uma outra globalização* (2000).

O Espaço Geográfico como Objeto de Estudo da Geografia

Os paradigmas que acompanham a construção epistemológica da geografia passaram por diferentes momentos de renovação. A década de 1980 se configura como uma dessas tentativas de ruptura, movimento de renovação crítica da geografia, quando se discutiram diversas questões de ordem metodológica, conceitual e epistemológica. A partir da relevância desse período para a compreensão dos contornos adotados pela geografia, esta seção tem como pretensão apresentar breves reflexões sobre as principais contribuições de Milton Santos para a construção de uma epistemologia da geografia. Ressalta-se que os apontamentos realizados estão distantes de contemplar toda a complexidade de seu pensamento.

Milton Santos é um dos principais intelectuais preocupados com os caminhos escolhidos pela ciência. Ao longo de sua trajetória, defendeu que os geógrafos deveriam se preocupar mais com o entendimento do espaço do que com a definição da geografia. Em suas palavras:

[...]enquanto os geógrafos discutem entre eles, sobre a geografia, não estão andando para lugar nenhum. O debate que permite avançar é a discussão sobre o espaço, discussão que permite descobrir quais são as subdivisões pertinentes do objeto que nos interessa (SANTOS, 2012, p. 18).

Preocupado com o papel atribuído à geografia, que segundo ele corresponde à “possibilidade de uma intervenção válida dos geógrafos no processo de transformação da sociedade” (SANTOS, 2012, p.18), dedica-se à construção de uma Geografia Nova, definindo o seu objeto de estudo, o espaço geográfico. Para tanto, constrói um sistema de ideias que busca articular um sistema descritivo e um sistema interpretativo da geografia (SANTOS, 2012).

Em seu livro *A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção*, podemos contemplar a construção de um quadro analítico unitário que permite ultrapassar ambiguidades e tautologias. Nessa obra, o autor propõe que o espaço seja definido como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2009, p. 21).

A partir dessa definição podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Para tanto, todas as nuances do espaço geográfico são levantadas, além de relacioná-las intimamente com os seus agentes formadores e influenciadores, destacando a im-

portância de elementos na configuração espacial, sobretudo a relação com o tempo, o desenvolvimento e aplicação técnica. Dessa forma, o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. Esse conjunto de elementos torna o espaço híbrido, ou seja, pela inseparabilidade entre o natural e artificial (DANTAS, 2014). Nas palavras de Santos (2009, p. 21), o espaço corresponde:

A um sistema de objetos e sistema de ações, tornando-se impossível a dissociabilidade entre técnica e política. Sendo o espaço geográfico um sistema de objetos, ele corresponde a um conjunto de coisas que entrelaçadas formam um todo coerente e constituem uma unidade completa. Se é um sistema de ações, é um conjunto de forças atos que levam a mover a sociedade. Assim, um sistema influencia o outro e é por ele influenciado, formando o espaço geográfico.

O termo *sistema de objetos* refere-se ao conjunto de artefatos técnicos construídos pelo trabalho do homem ao longo do tempo, que deve considerar a coexistência do passado e do presente, coexistência de tempo, natureza artificial e sociedade. Assim, a sociedade só pode ser definida através do espaço, visto que o espaço é o resultado da produção, portanto, corresponde a uma decorrência da história dos processos produtivos impostos ao espaço (SANTOS, 2014).

A sociedade se apresenta apenas como o ser, o existir é o espaço. Para explicar o espaço e a sociedade, quatro categorias de análise são formuladas por Santos (2014, p. 69): forma, função, estrutura e processo. Segundo o autor:

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Função, uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou modo de organização ou construção. Estrutura implica inter-relação de todas as partes de um todo, o modo de organização ou construção. Processo pode ser definido como uma ação continua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança (SANTOS, 2014, p. 69).

Portanto, as categorias propostas estão presentes e determinam o cotidiano, possibilitam a interpretação do conjunto de elementos que formam o sistema, visto que o sistema se apresenta como “uma sucessão de situações de uma população em um estado de interação permanente, cada situação sendo função das situações precedentes” (SANTOS, 2014, p. 50).

As concepções de Milton Santos possibilitam considerar o espaço como condição para a realização da história, não podendo ser compreendido apenas como receptáculo da história. Sendo assim, o espaço corresponde a um fator da evolução social, “como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida” (SANTOS, 2014, p.12); logo a sua essência é social, formada pelos objetos geográficos, naturais e artificiais que formam a natureza e a sociedade.

Desta feita, o espaço deve ser considerado em sua totalidade, composto por elementos que correspondem às firmas, aos homens, às instituições, ao chamado meio ecológico e às infraestruturas. Nessa perspectiva, os elementos do espaço apresentam

forte relação com o movimento da história, apresentando constante mudança de valor. A partir desse cenário, pode-se evidenciar a transição do meio geográfico, que já foi meio natural e meio técnico, e atualmente corresponde a um meio técnico-científico-informacional, pois a base da vida atual é a técnica constituída pela ciência, tecnologia e informação (SILVEIRA, 2012).

A técnica se apresenta como uma centralidade na discussão proposta com categorias internas e externas próprias, logo ela se impõe e se aplica de diferentes formas no espaço diferenciado, porém não independentes entre si. Dessa forma, espaço, tempo e técnica convivem juntos e configuram e reconfiguram o próprio espaço. Na sua obra, Milton Santos evidencia o destaque dado ao elemento técnica se delineando como a principal forma de relação entre humanidade e natureza representada por meio de instrumentos sociais, produz e cria o espaço, e isto acontece de forma heterogênea e desigual (GRIMM, 2011).

Nas palavras de Santos (2014, p. 43), “a tecnologia constitui a sua força autônoma e todas as outras variáveis do sistema são, de uma forma ou de outra, a ela subordinadas, em termos de sua operação, evolução e possibilidades de difusão”. Desse modo, a técnica marca o tempo, como também desempenha importante papel na diferenciação de espaços, pois a aplicação de uma nova técnica nem sempre exclui a anterior, visto que o processo de implementação não ocorre de forma homogeneizada. Assim, para Santos (2009, p. 21):

A técnica deve ser vista sob um tríplice aspecto: como reveladora da produção histórica da realidade; como inspiradora de um método unitário (afastando dualismo e ambiguidades) e finalmente, como garantia de conquista do futuro desde que não nos deixemos ofuscar pelas técnicas particulares, sejamos guiados, em nosso método, pelo fenômeno técnico visto filosoficamente, isto é, como um todo.

Portanto, em cada época os elementos ou variáveis são portadores de uma tecnologia específica e certa combinação de componentes do capital e do trabalho. As técnicas também são variáveis porque elas mudam através do tempo e só aparentemente formam um contínuo para Santos (2009, p. 21),

A evolução da técnica e a do capital não se fazem paralelamente para todas as variáveis. Também ela não se faz igualmente nos diversos lugares, cada lugar sendo uma combinação de variáveis de idade diferentes. Cada lugar é uma combinação de técnicas qualitativamente diferentes, individualmente dotadas de um tempo específico, daí as diferenças entre lugares.

Assim, o objeto de análise é o presente, no entanto, os elementos históricos não podem ser desconsiderados, pois possibilitam a compreensão de sua produção. Portanto, o espaço se configura como um mosaico de diferentes elementos, de um lado, a evolução da sociedade, de outro, as situações que se apresentam na atualidade (SANTOS, 2014). Como resultado desse mosaico, tem-se a geografização de um conjunto de variáveis, de sua interação localizada, e não dos efeitos de uma variável isolada.

Milton Santos dedicou-se também ao entendimento do processo de globalização, sua interpretação crítica conseguiu ultrapassar os discursos construídos pelo cenário que se instaurava na mídia, na política, na sociedade. A globalização era entendida e apresentada como decurso da homogeneização do espaço, não passando de um modelo que visava unificar o mundo, em benefício de um pequeno número de atores, tornando-se assim, um processo desigual.

A Contribuição de Milton Santos para o Entendimento do Período Atual

Milton Santos, ao longo de sua trajetória intelectual, trouxe grandes contribuições à construção epistemológica da geografia e à leitura do mundo. Desenvolveu conceitos, categorias analíticas e teorias que enriqueceram e fortaleceram a geografia em sua renovação e consolidação como ciência. E como uma de suas últimas contribuições para a geografia e a sociedade, é possível apontar as reflexões sobre o atual período histórico de globalização, ou como ele chama, meio técnico-científico-informacional, que seria “a cara geográfica da globalização” (GRIMM, 2011, p. 203).

Dentro da perspectiva da geografia renovada, surge a necessidade de que a ciência dê uma resposta epistemológica e prática para compreensão do mundo atual. A obra de Milton Santos é fundamental para compreensão deste mundo. Os livros *Por uma outra globalização, Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional* e *Brasil: território e sociedade no início do século XXI* (este em parceria com a Profa. Dra. Maria Laura Silveira), apresentam suas reflexões sobre o atual período histórico em consonância com suas últimas entrevistas, artigos de jornais e escritos que são um legado para a geografia brasileira.

Foi a partir da década de 1990 que o termo globalização passou a ser mais discutido em vários espaços como a universidade e a mídia. Para muitos estudiosos, esse período teria começado já nos séculos XV e XVI, quando o sistema capitalista começa a se internacionalizar, mas há aqueles que remetem a momentos mais recentes, quando o sistema financeiro se torna onipresente, atingindo o mundo. Porém, no fim do século XX, quando de fato essa discussão ganha força, a maioria dos intelectuais, a mídia e a sociedade em si, tendiam a acreditar que esse processo seria positivo para todos, diferente do que Milton Santos pensava, pois para ele esta globalização na verdade seria uma produção de perversidades e mais desigualdades, visto que “o desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida” (SANTOS, 2011, p. 13).

Os esforços para dar à geografia uma epistemologia concreta e superar as deficiências e incongruências que atrasavam a disciplina foram, portanto, preocupação central na vida e obra do autor e “enfatizamos ainda sua constatação de que a disciplina teria alcançado, nessa passagem dos séculos XX e XXI, sua maturidade epistemológica e sua proposição em pensarmos a geografia como uma filosofia das técnicas e como uma epistemologia da existência” (GRIMM, 2011, p. 186).

Segundo Santos (2011, p. 12, 15), dois elementos são primordiais para se compreender o período atual de globalização, que é o ponto culminante do mundo capitalista: estado das técnicas e estado da política. Essas duas coisas nunca estiveram separadas e neste momento da história há um verdadeiro sistema de técnicas que são comandadas

pelas da informação, todavia, este período é também resultado de ações que convergem para “a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes”. Mas é importante dizer que essa tendência à homogeneização neste mercado global, na verdade, não se dá de forma generalizada e que “as diferenças locais são aprofundadas” (SANTOS, 2011, p. 12, 15).

Segundo Grimm (2011, p. 185), Milton Santos era “crítico à ideia então em voga de ‘espaço global’, o geógrafo afirmou que o que existe são ‘espaços da globalização’”. Dessa forma, é possível perceber em seu pensamento a preocupação em não fazer generalizações nem usar fórmulas e paradigmas que fujam da realidade vivida pelos indivíduos. Na geografia, procurou analisar a realidade dos países subdesenvolvidos a partir de suas particularidades, e não pela ótica dos desenvolvidos.

É fundamental expor que as discussões de Santos sobre o período atual não se resumem às suas duas últimas obras, pois em momentos anteriores ele já vinha discutindo os elementos desta globalização, e um exemplo disso é seu livro *Por uma geografia nova*, de 1978, onde ele discute que há um “modelo único” das formas produtivas na história. Contudo, segundo Grimm (2011, p. 198-199):

Independente do momento em que o termo globalização foi incorporado em seus escritos, Milton Santos caracterizava a “nova fase histórica”, entre outros aspectos, pela multinacionalização das firmas e internacionalização da produção e do produto; a generalização do fenômeno do crédito; os novos papéis do Estado em uma sociedade e uma economia mundializadas; o frenesi de uma circulação tornada fator essencial da acumulação; a grande revolução da informação graças aos progressos da informática.

Cada evolução técnica permite um novo período histórico e essa transição se dá de forma processual, não há um corte de um ciclo para outro, assim como da divisão do trabalho que pode coexistir com divisões anteriores e que se dá de forma particular em cada lugar. Santos (2011, p. 15) explica, sinteticamente, a partir de quatro fatores, esse novo período em que a técnica tem papel central. Assim, segundo ele:

Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. Um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa.

Sobre essa *unicidade técnica*, a que Milton Santos se refere como primeiro fator para explicar a globalização, é preciso dizer que ao longo da história foram surgindo conjuntos de técnicas desenvolvidas pelo homem e incorporadas à sociedade como forma de melhorar a qualidade de vida, produzir, chegar aos lugares mais rapidamente etc., mas neste momento da história do território, as técnicas, que são comandadas pelas da informação, atuam como facilitadoras para existência de uma finança universal que viabiliza a presença da mais-valia também universal.

Esta época de unificação da técnica permite que as coisas e os fatos se tornem conhecidos de forma instantânea e temos a capacidade, através da informação, de ter “[...] acesso ao acontecer do outro” (SANTOS, 2011, p. 17). Segundo o autor, em momentos anteriores da história, existiam técnicas que eram hegemônicas e outras que não eram, mas hoje as que não se classificavam como hegemônicas, agora se tornaram “hegemonizadas” (Ibid.). As técnicas se realizam apenas com a mediação da política, seja do próprio Estado, seja das empresas ou até de forma conjunta.

A *convergência dos momentos* diz respeito à unidade do tempo, o acontecer instantâneo e a possibilidade de conhecer o que o outro está vivendo. Mas nem todos os homens podem ser protagonistas deste tempo, ele existe de forma potencial para todos, contudo, na realidade “[...] ele é excludente e assegura exclusividades, ou, pelo menos, privilégios de uso” (SANTOS, 2011, p. 19). Esta discussão remete ao outro fator, o *motor único*, que seria a mais-valia universal, e esta é possível porque a produção hoje se dá numa escala considerada mundial, e há, ainda, uma forte incitação à competitividade entre as empresas que potencializa esta mais-valia.

No atual período histórico, vivemos aquilo que Santos chama de *cognoscibilidade do planeta*, ou seja, é possível conhecer o planeta de forma profunda, e isto graças aos avanços científicos, às novas técnicas, o acesso à informação em tempo real. Mas é importante dizer que este período se classifica como nenhum outro, ou seja, é um período e uma crise, assim:

Como período e como crise, a época atual mostra-se, aliás, como coisa nova. Como período, as suas variáveis características instalam-se em toda parte e a tudo influenciam, direta ou indiretamente. Daí a denominação de globalização. Como crise, as mesmas variáveis construtoras do sistema estão continuamente chocando-se e exigindo novas definições e novos arranjos (SANTOS, 2011, p. 23).

Desta feita, é possível dizer que “o espaço geográfico viabiliza a globalização, dado que ele materializa [...]” (RIBEIRO, 2002, p. 3) os fatores que explicam este momento histórico, seria a “funcionalização da globalização” (Ibid.). O espaço, enquanto objeto de estudo da geografia, abriga todas as formas, nele se dão as ações hegemônicas ou não, a vida se materializa e convergem os interesses comuns e os particulares aos atores que constroem esta globalização perversa.

Milton Santos apresenta três definições de globalização: como fábula, como perversidade e como possibilidade, que pode vir a ser “uma outra globalização”. Como nos fazem ver – a globalização como fábula – remete à ideia de aldeia global (tentando fazer acreditar que as pessoas são hoje informadas), do encurtamento das distâncias (mas nem todos podem chegar a todos os lugares), da morte do Estado (quando na verdade ele se fortalece para atender as finanças e os interesses das grandes empresas).

Como o que realmente é – perversidade – vê-se o aumento do desemprego e pobreza, além da desvalorização do trabalho, a falta de educação de qualidade, a competição desenfreada, as novas doenças incuráveis e o agravamento de outras já antigas; e “entre os fatores constitutivos da globalização, em seu caráter perverso atual, encontram-se a forma como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social” (SANTOS, 2011 p. 28).

No mundo de hoje a vida humana perdeu seu valor, dando lugar à valorização do dinheiro puro, da aceleração, produção em larga escala e encurtamento das distâncias para uma pequena parcela da população mundial, pois neste momento a maior parte das pessoas não desfruta dos “benefícios” tão enaltecidos e, segundo Santos (2011, p. 34):

Neste mundo globalizado, a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado das coisas. A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos.

A globalização real não é positiva para todos, mas apenas para uma minoria que consegue ter acesso ao que é produzido. O desamparo social é alarmante e as poucas políticas desenvolvidas em favor da população mais pobre estão vestidas com intencionalidades implícitas. Há sempre um interesse enrustido por mecanismos que possibilitem acesso a mais poder. Aliás, neste momento da história, ter poder é ter dinheiro, consumir, ir ao encontro das possibilidades criadas, é conhecer.

No mundo da globalização perversa os atores hegemônicos detêm as melhores partes do território e o espaço geográfico obtém novas formas e é redefinido, além de ganhar outra importância a depender das localizações. A geografia possui os aportes para explicar o período atual, ela como ciência humana e natural pode, através da análise do espaço e do território, enquanto território usado, sinônimo de espaço geográfico, compreender a atuação dos vários agentes e os interesses em escala local, nacional e internacional, mas também as ações cotidianas da população, que passa a tomar consciência de sua condição atual.

Milton Santos aponta a possibilidade de uma outra globalização, na qual o uso das técnicas e da informação seja feito com outros objetivos sociais e políticos, que sejam de interesse comum de todos, para o bem-estar da sociedade em geral. Este mundo novo dá sinais como a mistura dos povos, populações aglomeradas em áreas cada vez menores, filosofias comuns e divergentes coexistindo no espaço geográfico e o surgimento de uma cultura popular que unifica os gostos e cria novas possibilidades de pensar a existência e a sobrevivência ante aos ditames atuais, pois “uma boa parcela da humanidade, por desinteresse ou incapacidade, não é mais capaz de obedecer a leis, normas, regras, mandamentos, costumes derivados dessa racionalidade hegemônica. Daí a proliferação de ‘ilegais’, ‘irregulares’, ‘informais’” (SANTOS, 2011, p. 97).

É possível usar a técnica em consonância com a política para a produção de uma outra globalização. A partir do uso coletivo dos objetos, do acesso igualitário da informação e da produção da mesma de forma coerente com a realidade, sem uso dos óculos da mídia dotada de intencionalidades no apoio aos interesses do capital das corporações.

Segundo Santos (2011, p. 113), “a experiência da escassez, um revelador cotidiano da verdadeira situação de cada pessoa é, desse modo, um dado fundamental na aceleração da tomada de consciência”. A partir dessa tomada de consciência, é possível repensar a vida cotidiana e criar formas novas de sobrevivência diante da falta de recursos necessários à manutenção da vida. A população passa a criar mecanismos

de sobrevivência, que muitas vezes incomodam os atores hegemônicos, e um exemplo prático disso é a produção de CDs e DVDs considerados “piratas”, ação que se relaciona àquilo que Milton Santos chama de “flexibilidade tropical”. Esses movimentos indicam aquilo que o autor chama de “período demográfico ou popular da história” (SANTOS, 2011, p. 116), que seria um novo período no qual a cultura popular seria a grande rival da cultura de massas.

O processo de globalização incide não só sobre a economia, mas também sobre a vida cultural, a política, o cotidiano de cada pessoa. Para que uma outra globalização seja possível, é necessário que o homem tenha centralidade nas ações; que haja maior valorização da vida e do bem comum e, “sem dúvida, essa desejada mudança apenas ocorrerá no fim do processo, durante o qual reajustamentos sucessivos se imporão” (SANTOS, 2011, p. 120).

A racionalidade dominante deste mundo globalizado está, aos poucos, sendo desvendada pela população pobre. A tomada de consciência das classes mais desfavorecidas por esse sistema desigual e contraditório faz as pessoas perceberem sua condição e, nesse contexto, é possível afirmar que,

Na Ásia, na África e mesmo na América Latina a vida local se manifesta, ao mesmo tempo, como uma resposta e uma reação a essa globalização. Não podendo essas populações majoritárias consumir o Ocidente globalizado em suas formas puras (financeira, econômica e cultural), as respectivas áreas acabam por ser os lugares onde a globalização é relativizada ou recusada (SANTOS, 2011, p. 125).

Nesta era de globalização as transformações devem se dar de forma processual e sistemática e a revolução virá de baixo para cima. A geografia, enquanto disciplina e ciência, precisa estar atenta a essas transformações que se dão no espaço geográfico e abrem discussões complexas sobre o novo papel da política e da universidade na construção de uma sociedade com espírito de coletividade.

A obra de Milton Santos, sem dúvida, traz importantes contribuições acerca da urbanização dos países subdesenvolvidos, a construção epistemológica da geografia e de uma ontologia do espaço, além da análise da globalização com o meio técnico-científico-informacional, “[...] união entre ciência e técnica que, a partir dos anos 1970, havia transformado o território [...]” (SANTOS; SILVEIRA, 2011, p. 49). Esses temas foram centrais em sua obra e estão abordados em seus 40 livros e centenas de artigos de uma vida dedicada à ciência, à universidade, à construção de ideias que ajudassem a repensar a geografia, a política, cultura, economia e a sociedade.

Suas ideias transmitem seu desejo por um mundo diferente no qual o homem voltasse a ser o centro do mesmo. Em entrevista concedida quatro meses antes de sua morte ao cineasta brasileiro Sílvio Tendler para o longa-metragem *Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá*, lançado em 2006, Santos diz que o homem deixou de ser o centro do mundo e que o dinheiro em estado puro é que é hoje esse centro, devido à geopolítica que está posta e é proposta pelos economistas e imposta pela mídia. Desta feita, a tomada de consciência do povo é sem dúvida uma das portas para este novo mundo, esta outra globalização.

Considerações Finais

Como grande expoente da ciência geográfica, Milton Santos deixou importante legado para a geografia brasileira, principalmente, na construção e consolidação desta ciência no âmbito de sua vertente crítica, além de reflexões contundentes acerca da ontologia do espaço, da urbanização dos países subdesenvolvidos e do processo de globalização frente às alterações que traz para a sociedade, a cultura, política e economia.

Assim, a análise do processo de globalização a partir das reflexões realizadas por Santos, nos permite considerar dimensões que ultrapassam a economia, destacando a importância de elementos culturais, políticos, bem como do próprio cotidiano. Dessa forma, sua análise permite uma reflexão que considere o espaço do homem, do cidadão enquanto ser construtor de sua realidade. Portanto, para que outra globalização seja possível, é necessário que o homem tenha centralidade nas ações, que haja maior valorização da vida e do bem comum.

Referências Bibliográficas

DANTAS, A. Geografia e Epistemologia do Sul na obra de Milton Santos. *Mercator*. Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 49-61, set./dez. 2014. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/1478/560>. Acesso em: 22 maio 2017.

ELIAS, D. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. *Scripta Nova – Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, v. VI, n. 124, 2002. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn124.htm>. Acesso em: 15 maio 2017.

ENCONTRO com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá. Direção: Sílvio Tandler. Produção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Produções, 2006.

GRIMM, F. C. A. *Trajetória epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis*. 2011. 307f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RIBEIRO, W. C. Globalização e geografia em Milton Santos. El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. *Scripta nova – Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, v. VI, n. 124, 2002. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124h.htm>. Acesso em: 27 maio 2017.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SANTOS, M. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 21: 7-14. 1996. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38613/26350> 2. Acesso em: 20 maio 2017.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. *Geo UERJ*, ano 10. v. 2, n. 18, 2008. p. 24-42. Disponível em: www.geouerj.uerj.br/ojs. Acesso em: 8 jun. 2017.

SILVEIRA, M. L. Geografia e mundo contemporâneo. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 2, n. 2, 2012.

Recebido em: 01/03/2018

Aceito em: 31/05/2018